









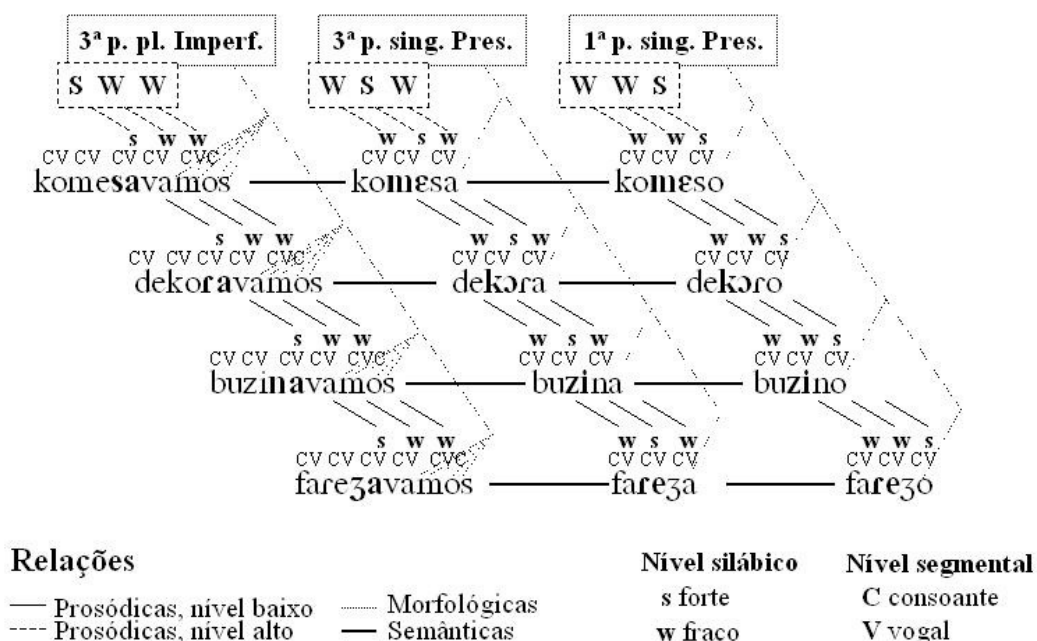


Defende-se que, se a informação sobre o acento está presente na representação lexical, é possível alcançar uma análise mais compreensiva acerca da produtividade de padrões acentuais, tanto na morfologia verbal, quanto na não-verbal. Para dar suporte a essa afirmação, apresenta-se a seguir uma análise estatística dos padrões acentuais em verbos e não-verbos. Essa análise baseia-se em informações obtidas junto ao ASPA (www.projetoaspa.org), um banco de dados estatístico de padrões sonoros do PB. A Tabela 1 mostra a frequência de tipo para cada uma das três posições do acento (proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas), em verbos e não-verbos. Os monossílabos foram excluídos dos cálculos.

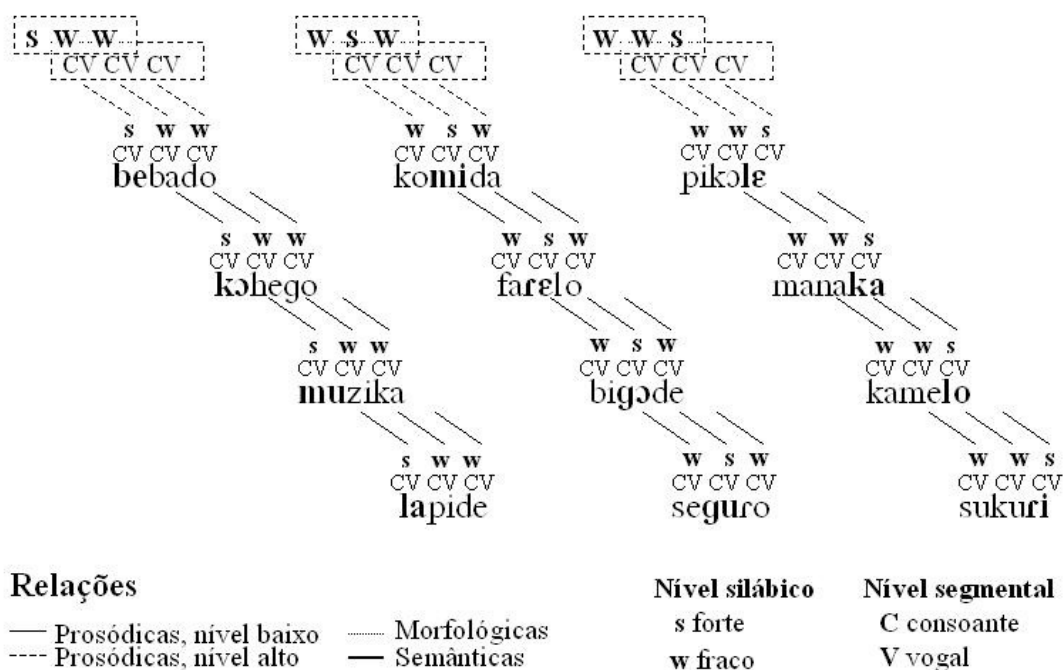
**Tabela 1: Frequência de tipo de cada padrão acentual em verbos e não-verbos ( $\chi^2$ : 5642,69,  $p < 0,0001$ ,  $df=2$ ).**

Posição do Acento	Verbos		Não-verbos	
Proparoxítonas	482	1.2%	11,389	14.6%
Paroxítonas	27,730	71.4%	52,271	67.1%
Oxítonas	10,617	27.3%	14,200	18.2%
Total	38,829	100%	77,860	100%

Como se pode observar, as palavras paroxítonas apresentam frequência de tipo significativamente maior, o que poderia explicar porque esse padrão acentual é mais produtivo que os outros dois, como é freqüentemente afirmado nos estudos sobre o acento no PB mencionados na seção 2.2. Esse fato é corroborado por uma análise da localização do acento em neologismos (cf. ALVES, 1994), em sua maioria paroxítonas. As diferenças na frequência de ocorrência entre os mesmos grupos não se mostraram estatisticamente significativas.



**Figura 1. Estrutura prosódica emergente e esquemas de nível alto para proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas em verbos**



**Figura 2. Estrutura prosódica emergente e esquemas de nível alto para proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas em não-verbos**

As Figuras 1 e 2 representam esquemas prosódicos de maior e menor nível de abstração emergindo a partir de relações em rede estabelecidas entre exemplares, respectivamente para verbos e não-verbos. A partir do uso efetivo dos itens lexicais, são promovidas generalizações de naturezas diversas, dentre as quais generalizações relativas à estrutura silábica da língua, à estrutura morfológica, à localização da tonicidade. Tais generalizações levariam à construção de esquemas de nível baixo a alto, referentes à fonotática, à morfologia e ao padrão acentual da língua específica. No PB, acredita-se que tais esquemas se integrariam no sistema verbal, originando um esquema mais abstrato e complexo, determinante da atribuição do acento. O mesmo não ocorreria no sistema não-verbal, em que esquemas morfológicos não correm em paralelo aos esquemas acentuais. Assim, defende-se que as particularidades da acentuação em formas verbais frente às não-verbais podem ser atribuídas a diferenças no mecanismo de armazenagem e processamento dos itens lexicais (BYBEE, 1985, 1995). No PB, os verbos apresentam uma rede de informações morfológicas complexa e densa, que surge a partir da flexão verbal, responsável por expressar simultaneamente as noções de voz, aspecto, tempo, modo e concordância de número e pessoa, às vezes com certo grau de fusão. Comparativamente, relações flexionais nos não-verbos são reduzidas e mais fracas, expressando apenas a noção de número e algumas vezes de gênero. Ademais, a maioria das conexões lexicais entre não-verbos é de natureza derivacional, pelo acréscimo de sufixos. Em vista disso, pode-se sugerir que redes complexas e densas seriam responsáveis por um maior grau de integração em esquemas de nível alto. Confirmando-se esta afirmação, é possível demonstrar como os esquemas acentuais que surgem a partir de formas verbais no PB tendem a ser anexados aos esquemas morfológicos que lhes são paralelos, enquanto que, nos não-verbos, o mesmo não se aplica. Portanto, sugiro que o padrão acentual distinto das formas verbais se deve a suas redes flexionais mais fortes, que interagem com a prosódia em esquemas de nível alto.

## Conclusões

A análise do acento no PB apresentada neste artigo traz à tona algumas questões de extrema relevância. Dentre elas, destacam-se os seguintes tópicos: a) como uma análise estatística da fala pode oferecer generalizações relacionadas com tendências gerais da linguagem envolvendo sons e informações morfológicas; b) a relação entre padrões silábicos e atribuição de acento. Propõe-se, neste artigo, que o acento primário no PB é lexicalmente especificado, o que dá suporte à idéia de que informações redundantes estão presentes na representação mental, como proposto pelos modelos de exemplares (PIERREHUMBERT, 2001, 2003). Defende-se que a dinâmica de atribuição acentual nesta língua pode ser mais bem compreendida como resultado de generalizações a partir de exemplares, generalizações que são responsáveis pelas tendências gerais concernentes à atribuição do acento no léxico.

Os seguintes tópicos relacionados ao acento do PB deverão ser abordados em pesquisas futuras: (1) modelagem probabilística do sistema acentual; (2) atribuição de acento à quarta sílaba, como consequência de cliticização ou epêntese; (3) outros fenômenos relacionados ao acento, como sândi vocálico e redução de sílabas átonas; (4) padrões de variação de acento inter e intra-individuais, testados através de experimentos envolvendo a atribuição do acento a logatomas e tarefas perceptuais; (5) diferenças e semelhanças entre o português brasileiro e o europeu, bem como o latim, espanhol e outras línguas românicas; (6) distúrbios de fala e impactos sobre o acento; (7) o acento na aquisição de primeira e segunda línguas.

## Agradecimentos

À Prof<sup>a</sup>. Thaís Cristófar, pelos valiosos comentários e sugestões; à Prof<sup>a</sup>. Joan Bybee e ao Prof. Patrick Farrell, pelas referências bibliográficas relevantes que prontamente me enviaram; a Leonardo Almeida, pelas informações do banco de dados do ASPA. Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994. 93 p.
- ARAÚJO, Gabriel et al. As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: ARAÚJO, Gabriel (org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 37-60.
- BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (eds.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI, 2000. 356 p.
- BISOL, Leda. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n.22, p. 69-80, 1992.
- BYBEE, Joan. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: John Benjamins, 1985. 235 p.
- \_\_\_\_\_. Regular Morphology and the Lexicon. *Language and Cognitive Processes*, v.10, n.5, p. 425-455, 1995.

\_\_\_\_\_. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 262 p.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Acento em Português: estudos sobre as regras de atribuição de acento em português*. Campinas: L. C. Cagliari, 1999. 146 p.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970. 114 p.

\_\_\_\_\_. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977. 140 p.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. Ed. rev. e amp. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARRELL, Patrick. Spanish stress: a cognitive Analysis. *Hispanic Linguistics*, v.4, n.1, p. 21-56, Spring 1990.

HINTZMAN, Douglas. "Schema Abstraction" in a Multiple-Trace Memory Model. *Psychological Review*, v.93, n.4, p. 411-428, 1916.

HOPPER, Paul. Emergent Grammar. *Berkeley Linguistics Society*, v.13, p. 139-157, 1987.

KUHL, Patricia. Learning and representation in speech and language. *Current opinion in Neurobiology*, v.4, p. 812-822, 1994.

LANGACKER, Ronald. A Dynamic Usage-Based Model. In: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (eds.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI, 2000. p. 1-63.

\_\_\_\_\_. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University, 1987. 2 v.

LEE, Seung Hwa. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. 1995. 200 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

\_\_\_\_\_. O acento primário no português: uma análise unificada na Teoria da Otimalidade. In: ARAÚJO, Gabriel (org.). *O Acento em Português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 120-143.

LEITE, Yonne. *Portuguese stress and related rules*. 1974. 160 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Texas at Austin, Austin.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Acento e ritmo*. São Paulo, Contexto, 1992. 95 p.

\_\_\_\_\_. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico: um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. 1995. XXX f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

\_\_\_\_\_. Ditongos e hiatos em Português Arcaico: uma abordagem otimalista. *Letras de Hoje*, v.38, n.4, p. 319-338, 2003.

MEDIN, Douglas; SCHAFFER, Marguerite. Context Theory of Classification Learning. *Psychological Review*, v.85, n.3, p. 207-238, 1978.

NOSOFSKY, Robert. Attention, Similarity, and the Identification-Categorization Relationship. *Journal of Experimental Psychology: General*, v.115, n.1, p. 39-57, 1996.

PHILLIPS, Beth. British versus American -ate and -ator: Convergence, Divergence, and the Lexicon. *American Speech*, v.73, n.2, p. 160-177, 1998.

PIERREHUMBERT, Janet. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 137-157.

\_\_\_\_\_. Probabilistic Phonology: discrimination and robustness. In: BOD, Rens; HAY, Jennifer; JANNEDY, Stefanie (ed.). *Critical Introduction to Phonology*. Cambridge, MA: MIT, 2003. p. 177-228.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara (eds.) *Cognition and Categorization*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1978. p. 27-48.

WETZELS, W. Leo. Primary Word Stress in Brazilian Portuguese and the Weight Parameter. *Journal of Portuguese Linguistics*, v.5, n.2, p. 9-58, 2006.